

EDITORIAL

Mais um ano começa e a segurança no campo – ou a falta dela – volta a atormentar os produtores rurais. Além das dívidas, da estiagem, do decreto 6.686 e das invasões de terra para perturbar o sono de quem vive no campo, agora a violência no meio rural traz mais preocupação na hora de deitar a cabeça no travesseiro.

Em dezembro passado, tivemos três exemplos do que o produtor rural tem vivido, que ganharam dimensão por se tratar de importantes estâncias e pela violência dos atos. Primeiro, a Fazenda Coqueiros, em Coqueiros do Sul, foi alvo, no dia 11 de dezembro, de criminosos que ingressaram na área e abateram, a tiros, 15 bovinos e deixaram três animais feridos. Os exemplares ficaram intactos no campo, ou seja, o objetivo do ato era apenas de ocasionar danos aos proprietários. O prejuízo está estimado em R\$ 18 mil. No dia seguinte, 12 de dezembro, foi a vez de a Fazenda Fortaleza do Seival, em Candiota, ser atacada. O alvo, desta vez, foram ovinos. Foram abatidas 29 borregas e 15 foram feridas. Alguns dos animais foram carneados, mas outros ficaram largados no campo. Em 31 de dezembro, 55 ovinos foram abatidos e carneados na Fazenda Espigão, também em Candiota. Ficaram apenas as cabeças e as vísceras.

Para protestar contra a falta de segurança, mais de 200 produtores se reuniram, no dia 17, na BR 293 em Candiota, e interromperam o trânsito. Mais do que um protesto, a intenção da manifestação era fazer um alerta à sociedade e às autoridades para a situação. Assim como o produtor tem que deixar suas lides para organizar manifestações, também deixa sua rotina e seus afazeres toda vez que seu patrimônio é subtraído. Assim como ele perde duas vezes – pelos danos e pela parada no trabalho – a economia gaúcha também tem prejuízo em dobro.

Por isso, é necessário fazer algo com urgência para garantir a volta da tranquilidade ao campo. A instabilidade para produzir resulta em desestímulo ao agropecuarista, que teme ser saqueado a qualquer instante. Sem incentivo, ele deixa a atividade, gerando ociosidade e sobrecarregando as cidades. Todos nós saímos perdendo.

Por outro lado, estimular a permanência do homem no campo é benéfico inclusive para a cidade e seus habitantes, pois reduz a pressão no meio urbano, onde também há muita violência.

O estado de insegurança e de medo instaurado no campo não pode continuar, sob pena de prejudicar o andamento da economia gaúcha. É urgente tomar medidas que instaurem novamente o clima de tranquilidade para que todos possam continuar trabalhando.

Para encerrar, nossos atentos leitores notarão mudanças na grafia de algumas palavras. Isso se deve à adaptação do Sul Rural às novas regras da reforma ortográfica.

Cigarros? Nunca mais

Blau Souza*

Fim de ano se presta para tudo, até para assumir bons propósitos. Estava indeciso sobre o assunto a abordar, quando o Fernando Aduato falou das dificuldades respiratórias de um amigo. Lembrou da satisfação que ele sentia ao usar os *sabiás*, cigarros de palha preparados, acesos, iniciados e logo apagados num dia, para obter maior gozo no dia seguinte. O efeito enchia de satisfação e sarro o fumante e invadia os pulmões dos incautos que estivessem por perto. A lembrança dos *sabiás* impôs o tema, até por acreditar existirem mais fumantes no campo do que nas cidades. Desde que *James, the First*, soberano inglês do século XVII, proibiu o cigarro para seus súditos muita água passou sob a ponte, ou se quiserem, muita fumaça poluiu o ar que respiramos. As proibições ou advertências eram empíricas, sem embasamento científico. Hoje, as evidências médicas dos malefícios causados pelo fumo passaram da especulação à certeza e o tabaco passou a ser o grande inimigo a ser combatido em todos os países e por todos os médicos.

Poucas indústrias são tão poderosas quanto a fumageira. Por muitos anos, na propaganda, o cigarro invadiu esportes, conquistou belas mulheres e alicerçou sucessos num mundo charmoso de natureza plena. Tudo enganoso, na contramão da realidade, sempre anunciando maravilhas e enchendo os cofres das indústrias. Até cavalos e chapéus venderam mais por conta da propaganda de certos cigarros. E era muito difícil contrapor alguma coisa à avalanche. Quando fui diretor

da AMRIGS e um dos responsáveis pela luta contra o fumo na entidade, senti de perto a força de certos argumentos e interesses. Ao patrocinar um concurso de cartazes contra o tabagismo, por exemplo, foi muito difícil conseguir jornalistas para formar a comissão julgadora dos trabalhos apresentados. A imprensa noticiava com parcimônia tudo o que contrariasse o interesse de seus grandes anunciantes e isso prossegue com diferentes estratégias em todos os continentes.

Como médico, fiquei satisfeito em participar de campanhas, secundando figuras como a de Mário Rigatto. Por vezes com alguma amargura por não ter feito mais. Exemplo? Não efetivei homenagem a Gildo de Freitas, autor de música contra o cigarro. Mas o que mais me satisfazia nos postos de saúde pública era o convencimento individual de cada paciente. O tempo era pouco, mas todos eram permeáveis a informações sobre suas doenças e o efeito nocivo do cigarro.

A aposta é maior nas populações menos informadas, mais suscetíveis à propaganda e ao vício. Nos *anos dourados* era muito difícil resistir ao charme de fumantes do cinema, como Marlene Dietrich ou Bogart no filme *Casablanca*. Tangos como *Fumando espero* marcaram época e despertaram imitações. Todo um gestual se criou no ato de fumar e as mulheres se esmeravam em maneirismos e poses. Para o guri de campanha também se impunham atitudes de adultos, cheias de

encanto. Cortar fumo em rama e sová-lo na palma da mão, escolher e aparar a palha nas espigas de milho, distribuir o fumo na palha e enrolar, obter faíscas pelo choque de metal contra pedras, tudo era encantamento. Fazê-las cair sobre trapos de pano ajeitados em oco de guampa, estimular com sopros e sucções o fogueiro, justo o suficiente para acender o palheiro, completava o ritual antes das baforadas. Difícil? Sim, e desafiador. Com a vinda para a cidade tudo se simplificou. O cigarro passou a ser comprado em maços e os fósforos e os isqueiros facilitaram o consumo maior.

Como médico, fiquei satisfeito em participar de campanhas, secundando figuras como a de Mário Rigatto. Por vezes com alguma amargura por não ter feito mais. Exemplo? Não efetivei homenagem a Gildo de Freitas, autor de música contra o cigarro. Mas o que mais me satisfazia nos postos de saúde pública era o convencimento individual de cada paciente. O tempo era pouco, mas todos eram permeáveis a informações sobre suas doenças e o efeito nocivo do cigarro. Por vezes recorria a efeitos especiais para produzir impacto dizendo verdades. Um deles: após obter a confiança do paciente, dedos e dentes amarelos, hálito tabágico, pele seca e envelhecida, eu lascava: “Fiz duas coisas muito erradas na vida...”. Surpreso, ele perguntava o que eu fizera. Era a hora de impactar: “Fumei dois cigarros”. Desejando um feliz Natal e um 2009 cheio de venturas, aproveite a época dos bons propósitos para desejar tudo isso, mas sem fumo.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE

SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul

CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente Interino:
Carlos Alberto Schütz
Div. Administração e Finanças
Carlos Alberto Schütz
Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes
Div. Planejamento e Projetos
Saulo Gomes

JORNAL SUL RURAL
Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila,
Marcelo Curia e arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
e Tiago Francisco
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170